

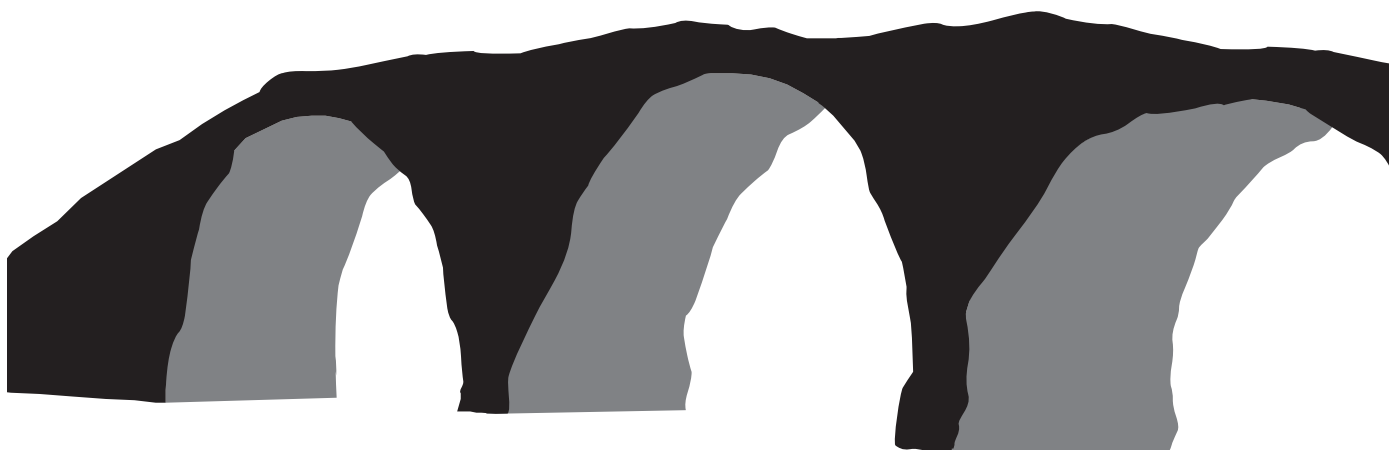
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica

Volume 4 | Número 2 | Julho – Dezembro 2010

ISSN 1981-5875

**PANELAS E PANELEIRAS DE SÃO SEBASTIÃO:
UM NÚCLEO PRODUTOR E A DINÂMICA SOCIAL E
SIMBÓLICA DE SUA PRODUÇÃO NOS SÉCULOS XIX E XX**

Camilla Agostini



PANELAS E PANELEIRAS DE SÃO SEBASTIÃO: UM NÚCLEO PRODUTOR E A DINÂMICA SOCIAL E SIMBÓLICA DE SUA PRODUÇÃO NOS SÉCULOS XIX E XX

Camilla Agostini¹

Resumo

A cidade de São Sebastião, no litoral norte de São Paulo, contou com um núcleo de produção de panelas de barro desde pelo menos o século XVIII, mantendo-se em atividade até a primeira metade do século XX. A produção de inúmeras ceramistas, concentradas particularmente no bairro São Francisco, realizava-se no âmbito doméstico. Contudo, era comercializada, e não apenas nas redondezas, mas também exportada para outras localidades, incluindo a própria Corte do Rio de Janeiro nos tempos do Império.

A partir de mapas de população, documentação comercial, iconografia e artefatos recuperados em escavações arqueológicas na cidade de São Sebastião, especialmente no bairro São Francisco, é possível abordar a cultura material entre dois sujeitos: seus produtores e seus consumidores. Com fontes da primeira metade do século XIX e do início do século XX, observa-se um processo de mudança na produção, e, ainda, como a interação social entre as ceramistas e outros setores da sociedade guiaram as escolhas e os significados atribuídos a objetos de uso doméstico, tais como as panelas.

Palavras-chave: São Sebastião, Cerâmica, Séculos XVIII-XIX

Resumen

La ciudad de São Sebastião, en el litoral norte del estado de São Paulo, contó con un núcleo de producción de ollas de barro desde por lo menos el siglo XVIII, manteniéndose en actividad hasta la primera mitad del siglo XX. La producción de numerosas ceramistas, concentradas principalmente en el barrio de São Francisco, se realizaba en el ámbito doméstico. Sin embargo, esta producción era comercializada y no únicamente en los alrededores, sino también exportada para otras localidades, incluyendo a la propia Corte de Rio de Janeiro en los tiempos de Imperio.

A partir de mapas de población, documentación comercial, iconografía y artefactos recuperados en excavaciones arqueológicas en la ciudad de São Sebastião,

¹ Arqueóloga, Doutora em História, camilla_agostini@yahoo.com.br

especialmente en el barrio de São Francisco, es posible abordar a la cultura material entre dos sujetos: sus productores e sus consumidores. A partir de fuentes de la primera mitad del siglo XIX e de inicios del siglo XX, se observa un proceso de cambio en la producción, e inclusive la manera en que la interacción social entre las ceramistas y otros sectores de la sociedad guiaron a la elección y a los significados atribuidos a los objetos de uso doméstico, como las ollas.

Palabras-clave: São Sebastião, Ceramica, Siglos XVIII-XIX

Abstract

The city of São Sebastião, located on the northern coast of the state of São Paulo, hosted a pottery industry since at least the eighteenth century, maintaining activity until the first half of the twentieth century. Concentrated in the neighborhood of São Francisco, many pottery makers worked in their own households, but their production was commercialized, not only locally, but in other places such as the city of Rio de Janeiro, including the Imperial Court during the Empire of Brazil.

Through census and commercial documentation, iconography and artifacts excavated in archaeological sites in the city of São Sebastião, especially in the São Francisco neighborhood, it is possible to analyze the material culture of two historical subjects: producers and consumers. Based on sources from the first half of the nineteenth century and the beginning of the twentieth century, it is possible to observe a process of change in the production of ceramics. It is also possible to treat how social interaction among the pottery makers and other social sectors guided choices and defined the meanings of domestic objects.

Key-words: São Sebastião, Ceramics, 18th-19th Century

Introdução

Na primeira metade do século XIX, quando as taxas de africanidade na região sudeste cresciam (Karash, 2000; Florentino, 1995), era comum que escravos ou escravos africanos ou crioulos fossem os responsáveis pelo trato com panelas e outros utensílios de uso doméstico, nas cozinhas. Objetos de uso em serviço, de manufatura artesanal e baixo custo são comumente associados aos escravos no tempo do cativo. Estudos arqueológicos recentes têm considerado as cerâmicas simples, não-torneadas, sem outro tratamento de superfície que não o alisamento, como possíveis de terem certa influência africana ou afro-brasileira (Symanski, 2006, 2008, 2010; Souza, 2010; Souza e Symanski, 2009; Agostini, 2011). Na década de 1980, Dias Jr. (1988) já apontava que a decoração incisa presente na chamada cerâmica neobrasileira poderia ser uma contribuição africana, junto às européias bases planas e alças, assim como as técnicas de manufatura indígenas.

Em São Sebastião, na década de 1840, ao que parece, os africanos não cons-

tituíam a maioria da população cativa, representada principalmente pelos seus descendentes crioulos, ao menos não oficialmente.² Importante por seu porto, a cidade teve entradas oficiais e oficiosas de mercadorias em diferentes períodos. No segundo quartel do século XIX, marcada pela ilegalidade do tráfico de escravos, São Sebastião serviu como intermediária entre as fazendas que prosperavam no Vale do Paraíba e o além-mar, recebendo cativos recém-chegados da travessia do Atlântico, e os preparando para os trabalhos nas lavouras do interior. Assim, se os escravos matriculados em 1844 na cidade eram na maioria crioulos, é possível que o número de africanos fosse subestimado, já que entravam clandestinamente. Por outro lado, sua fixação na cidade deveria ser de curta duração, constituindo-se de um fluxo populacional contínuo e não permanente. Mas seria, afinal, esta população cativa, fosse crioula, fosse africana, a responsável pela produção dos vasilhames cerâmicos, além de utilizá-los em suas tarefas diárias?

Em São Sebastião, e, em particular no bairro São Francisco, a cerca de 8 km do centro da cidade, formou-se um núcleo de produção de panelas de barro desde pelo menos finais do século XVIII. As chamadas *paneleiras* foram descritas na segunda metade do século XIX, na virada para o século XX e durante a sua primeira metade como mulheres índias e negras, viúvas e solteiras, em posição desfavorecida socialmente (Azevedo Marques, apud. Brancante, 1981: 436; Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, 1915; Lemos, 1976). No entanto, até mesmo mulheres de ascendência europeia foram conhecidas dentre as louceiras do bairro São Francisco, como é o caso da famosa Dona Adélia Barsotti, filha de italiano, considerada a última paneleira do bairro São Francisco.

Brancante (1981: 436) cita os registros da Alfândega do Rio de Janeiro, entre os anos de 1821 e 1823, como referência da entrada de duzentas talhas e duzentas e quarenta e quatro panelas e potes vindos de São Sebastião. Azevedo Marques apontou que São Sebastião estava entre os mais importantes centros de exportação desses utensílios, com a participação das louceiras do bairro São Francisco (apud. Brancante, 1981: 436). A Comissão Geográfica do Estado de São Paulo ressalta, em 1906, a existência de “uma indústria deoringas e outros artefatos de barro, que embora toscamente trabalhados [eram] de boa qualidade” (apud. Bernal, 2008: 161).

A documentação censitária e comercial sobre um núcleo produtor de panelas e utensílios de barro, com suas produtoras e consumidores que não se restringiam aos limites da cidade nos falam de *quem*. Objetos cerâmicos, encontrados principalmente em uma fazenda localizada no mesmo bairro São Francisco, dentre outros sítios prospectados nos arredores, nos falam do *que*. Caberá neste artigo indagar *como* estes objetos eram dinamizados em redes sociais que incluíam

2 Arquivo Histórico do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Sebastião - Matrícula Geral dos Escravos de São Sebastião – 1844.

diferentes sujeitos e quais os significados simbólicos presentes nesta dinâmica.

Quem: as paneleiras

Consultando os maços populacionais, depositados no Arquivo Público do Estado de São Paulo, para os anos de 1800 a 1829, com referência a cidade de São Sebastião, pode-se notar a presença de pelo menos 168 ceramistas com suas famílias, agregados e escravos ao longo do tempo. A partir desta documentação temos a chance de nos aproximarmos de um perfil social dessas pessoas que “viviam de fazer louça” em São Sebastião desta época.³

Nem todas se concentravam no famoso bairro São Francisco, também podiam ser encontradas em bairros como Porto Grande, Canto da Vila e Praia Deserta, por exemplo. Mas foi no Bairro São Francisco que não só elas se encontravam no século XIX, e foram conhecidas no século XX, como foi este o local que ficou marcado na memória da população local, que ainda lembra o antigo nome da principal rua do bairro, que se chamava *Rua do Fogo*, em virtude dos inúmeros fornos que ardiavam nas casas destas ceramistas. A produção, assim, não parece ter sido centralizada por uma grande propriedade, com um único responsável pela sua comercialização, mas pulverizada em unidades domésticas, que produziam de maneira artesanal utensílios de cozinha e vendiam por conta própria seus produtos, segundo relata tradição oral.



Fig. 1 – Antiga Rua do Fogo no bairro São Francisco, cidade de São Sebastião. Fonte: Acervo do Departamento de Patrimônio da Prefeitura de São Sebastião

De volta aos maços, sem muita surpresa, cerca de 70% das 168 ceramistas registradas eram mulheres, sendo que em sua maioria eram viúvas e solteiras, em acordo com os registros bibliográficos da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, como anteriormente mencionado. Dentre os homens registrados como ceramistas, apenas um não possuía mulheres no seu núcleo familiar que pudessem se ocupar de tal atividade. Todos os outros possuíam

³ Arquivo Público do Estado de São Paulo, maços populacionais, São Sebastião, 1800-1829, microfilme.

uma ou mais mulheres como esposa, filha, ou irmã em idade adulta que poderiam estar se responsabilizando pela produção da cerâmica, ainda que o chefe da família fosse representado pelo homem. Assim, a produção ceramista destacava-se como uma atividade eminentemente feminina.

Surpreende, contudo, observar as referências à cor da pele destas louceiras. Em proporções semelhantes destacam-se pessoas da cor branca (47,95%) e parda (44,52%), com apenas cerca de 8% de negras, sendo nenhuma africana. Desta maneira, nota-se que não eram africanos e seus descendentes os responsáveis pela produção de potes e panelas em São Sebastião. Considerando o contexto sócio-econômico da região, assim como o fato dessas ceramistas serem majoritariamente nascidas no local (90,6% das ceramistas com naturalidade identificada), elas provavelmente representavam uma população caiçara que se formava desde os tempos da Colônia. Esta população caiçara constituía-se em “comunidades de beira de praia acolhidas nas enseadas (...), [levando] um modo de vida baseado na cultura de subsistência, na pesca e caça, no conhecimento empírico sobre o tempo e o mar, e, sobretudo, na ajuda mútua e integração com o meio ambiente” (Galdino, 2010: 81).

Segundo Luna e Klein (2005: 226), dentre os artesãos e pobres em São Paulo, na primeira metade do século XIX, as mulheres eram as suas maiores representantes, sendo que 90% destas artesãs contavam com menos de cinco escravos (Luna e Klein, 2005: 150). Um dado interessante sobre estas unidades domésticas é a frequência de crianças menores de 15 anos como agregadas (11) ou escravas (15), além dos filhos, netos, bisnetos, irmãos ou sobrinhos arrolados menores de 15 anos (216). Dentre os escravos (total de 42 distribuídos entre as 168 ceramistas) 34,09% deles eram crianças.

Este alto índice de escravos em idade menor que 15 anos surpreende uma vez que estas ceramistas, ou *paneleiras* – como eram chamadas no século XX – podiam ser consideradas como pessoas de poucas posses, sendo seu rendimento anual menor que 15\$000 réis em mais da metade dos casos em que o lucro anual é registrado, sendo o maior lucro registrado em um caso, de um ganho de 51\$200 réis. Afinal, porque sustentar essas crianças escravas? Estaria a população livre e pobre enredada numa rede de solidariedade que consistia inclusive no amparo de crianças escravas? Ou seriam elas mais baratas e seu trabalho explorado? A primeira vista a segunda hipótese parece mais plausível.

Ao lado de familiares e escravos, as ceramistas muitas vezes contavam com a presença de agregados em seu núcleo doméstico, e é interessante notar que 53,85% (35 de 65) desses agregados também eram menores de 15 anos. Cerca de 73% das pessoas que viviam como agregadas eram mulheres, assim como os escravos que eram representados por cerca de 71% de mulheres também. Assim, não apenas as responsáveis pela produção definiam um universo eminentemente

feminino, mas também toda força de trabalho auxiliar. A historiadora Aline Mazza, em pesquisas no bairro São Francisco, chegou a registrar certa conotação pejorativa associada ao termo *paneleira* na memória dos moradores do bairro (Aline Mazza, comunicação pessoal, 2010). Os sentidos dessa imagem vêm sendo investigados pela pesquisadora em um estudo de gênero sobre as paneleiras.

Dentre os 52% dos escravos das ceramistas que tiveram suas naturalidades registradas treze eram africanos e nove eram crioulos; dentre os agregados 92% eram naturais da região, e mais particularmente da cidade de São Sebastião, assim como eram as próprias paneleiras. Dentre os agregados estrangeiros estavam Catharina, natural de Angola, e João de Miranda, natural de Lisboa.⁴ A referida agregada Catharina, africana natural de Angola, vivia na casa da parda Maria Jacinta, assim como Felipe Ribeiro, negro, também agregado desta mesma unidade doméstica em 1813. Maria Jacinta era uma louceira, viúva de 54 anos nesta data. Enquanto Maria Jacinta podia contar com os serviços do jovem Felipe Ribeiro de 24 anos, fica a dúvida do papel desempenhado pela pequena Catharina, que em 1813 tinha apenas três anos de idade.

Quem seria Catharina? Uma africana liberta, com apenas três anos de idade, antes mesmo da lei de 1831 que tornava livres os africanos apreendidos ilegalmente em navios negreiros?⁵ Como teria conseguido a liberdade? Onde estaria a sua mãe e por que Maria Jacinta a sustentava, considerando que com três anos de idade a capacidade produtiva da pessoa não pode ser considerada? Ainda que Maria Jacinta a tenha acolhido, não a manteve ao longo do tempo como agregada, uma vez que a pequena Catharina não é registrada nos anos de 1817 e 1821, quando então a louceira volta a ser arrolada nos maços.

Uma suposição seria que, neste caso, a parda Maria Jacinta pode ter tido ligações estreitas com a população escrava africana, como a própria mãe de Catharina, acolhendo sua filha em certo período, já que não se pode aventar a exploração do trabalho de uma criança de três anos de idade como algo produtivo. Assim, se as ceramistas podiam contar com a aquisição mais barata de escravos menores de 15 anos para a exploração de seu trabalho, a hipótese de que estavam enredadas numa rede de solidariedade entre as camadas mais baixas da sociedade não pode ser de todo descartada. É de se notar que 27,7% (18 de 65) dos agregados das

4 É interessante que em Portugal, ao que parece, a produção da chamada cerâmica preta era uma atividade eminentemente masculina, onde só o homem tinha acesso à roda (Fernandes, 2011). É evidente, contudo diferenças marcadas no processo de manufatura das peças com relação as cerâmicas tratadas neste trabalho que são produzidas pelo acordelamento.

5 Na verdade, africanos que haviam sido encontrados em navios negreiros apreendidos após 1830, por decisão imperial, deveriam ficar sob a tutela de pessoas a quem deveriam prestar serviços. O Decreto Imperial de 28 de dezembro de 1853 determinava que fossem emancipados os africanos que prestassem 14 anos de serviços nestas condições.

paneleiras tinham entre 0 e 5 anos, enquanto que 21,43% (9 de 42) eram escravos desta mesma faixa etária.

Moradora no bairro do Porto Grande neste mesmo ano de 1813, Maria Jacinta contava ainda com o trabalho de quatro escravas além dos(as) agregados(as), uma africana também natural de Angola e três nascidas em São Sebastião, todas negras. Parece possível pensar que a escrava africana, natural de Angola, chamada Francisca, de 43 anos, fosse mãe da pequena Catharina, não apenas pela coincidência do registro de suas origens, mas porque Francisca da mesma forma desaparece dos registros desta ceramista nos anos que se seguiram. Talvez Francisca tenha sido vendida após 1813, levando consigo sua pequena filha, que a teria acompanhado desde a captura na África, passando pela travessia do Atlântico, conseguindo, no âmbito de uma unidade doméstica de baixos recursos, manter seu laço parental.

Em 1821 Maria Jacinta teve lucro anual de apenas 1\$800 réis e parece que desde 1813 foi perdendo seu poder aquisitivo ou renda, já que suas escravas vão caindo em número, sendo quatro em 1813, três em 1817 e apenas duas em 1821. Em 1813, contava com duas escravas adultas de 43 e 18 anos e duas menores de 15 anos, com 11 e 9 anos, sendo que em 1821 acaba apenas com duas escravas adultas registradas com 20 e 30 anos.

Quatro anos depois do primeiro registro, quando Francisca e Catharina já não mais viviam com Maria Jacinta, o agregado Felipe Ribeiro continuava compondo esta unidade doméstica, ao lado de mais quatro novos agregados, uma mulher branca, viúva ainda jovem (com 25 anos), com um casal de filhos menores de 15 anos (uma menina de 7 e um menino de 4 anos) e uma mulher adulta parda, registrada como casada, mas sem referências ao seu marido. Assim, se Maria Jacinta perdeu a força de trabalho de uma escrava, ganhou a ajuda de mais duas agregadas em 1817. Em 1821, com o possível empobrecimento da ceramista, sua casa contava apenas com duas escravas além de seu próprio trabalho, desaparecendo todos os agregados.

O percurso da unidade doméstica de Maria Jacinta, ao longo de oito anos, mostra uma dinâmica de escravos e agregados empregados em atividades que, embora não se tenha maiores especificações sobre elas, pode-se imaginar uma rotina lado a lado, ajudando a viúva com sua produção de louças de barro. Chama particular atenção o caso da sua escrava africana Francisca e da pequena africana Catharina, liberta sob condições desconhecidas. Não se sabe por quanto tempo moraram com Maria Jacinta, mas possivelmente havia uma situação de solidariedade, no acolhimento uma criança pequena, junto a sua mãe ainda escrava.

Rodrigues (2005: 174) se pergunta se o medo da africanização teria se dado da mesma forma entre a elite e a população livre e pobre. Será visto aqui que, ao que parece, não: ao menos neste contexto litorâneo da primeira metade do século XIX, tão associado ao tráfico de escravos. Por população livre e pobre, o autor se refere ao “homem livre, assalariado, ou que vivia de seu próprio trabalho, sem

vínculo constante com um único patrão, como artesãos, pequenos comerciantes, roceiros ou pescadores, por exemplo” (Rodrigues, 2005: 176).⁶

Esta relação da população livre e pobre, provavelmente majoritariamente caçara na região de São Sebastião, com africanos que não paravam de chegar e seus descendentes crioulos pode ser inferida a partir de objetos produzidos pela primeira e dinamizados entre os últimos. Um olhar sobre a cultura material exumada de sítios arqueológicos localizados no bairro São Francisco e redondezas permite, assim, abordar como a interação social entre as ceramistas e outros setores da sociedade guiou as escolhas e os significados atribuídos a objetos de uso doméstico, tais como as panelas e outros utensílios de cozinha. Com o fim da escravidão, pode-se notar ainda um processo de mudança na produção e de diálogo entre produtoras e consumidores.

O que: as panelas

O material passível de ser associado à produção das ceramistas de São Sebastião provém de sítios localizados no bairro São Francisco e que apresentam características comuns. Com uma produção em larga escala, alimentando inclusive um mercado externo à região, ainda que através de pequenas unidades domésticas, é muito possível que as peças adquiridas nas redondezas fossem procedentes deste núcleo produtor. Características semelhantes as da amostra do chamado sítio arqueológico São Francisco – uma fazenda provavelmente ligada ao tráfico ilegal de escravos (Agostini, 2011; ver também Bernal, 1995, 2008) – e outros sítios prospectados por Wagner Bernal e equipe, tais como o sítio Morro do Abrigo e Antão Soares, também localizados no bairro São Francisco, podem ser observadas, principalmente na incidência de técnicas decorativas. As decorações incisas, acompanhadas ocasionalmente pelo ponteadado, carimbado e unglado são as principais identificadas.⁷ Nas redondezas do bairro, as características do

6 É interessante notar que, em outro contexto, tensões entre a população livre e pobre se fazem evidentes, como pode ser observado em um processo crime da segunda metade do século XIX, na região do Vale do Paraíba (Centro de Documentação Histórica –Vassouras, 2o. Ofício, caixa 470). Nota-se nos relatos de testemunhas e acusados, vizinhos “livres e pobres” da região do Pocinho em Vassouras, tensões entre a população livre e branca e uma população livre e ‘não-branca’, ou com ‘indícios de escravidão e africanidade’, com expressões de preconceito de cor, entre outras, incluindo a de gênero. Em outro artigo, que se encontra em avaliação, este caso é analisado em seus pormenores, quando então é observado que, apesar das tensões, também aspectos de solidariedade estão presentes, mostrando como fronteiras são estabelecidas, mas também permeadas.

7 Apesar de essas técnicas decorativas serem majoritárias, sempre combinadas formando padrões decorativos bastante variáveis, foi identificado em um contexto bastante particular, em uma área específica do sítio São Francisco, grandes assadeiras de mandioca corrugadas. O corrugado apareceu somente nestes utensílios e sempre localizado dentro de fornos. Para detalhes do material, ver Agostini (2011). Uma discussão sobre estas assadeiras corrugadas em contextos escravistas pode ser encontrada em Souza (no prelo).

material parecem se repetir, como pode ser observado nos vestígios coletados em superfície no sítio Enseada. Materiais com técnicas decorativas mais diversificadas foram encontrados em sítios mais próximos ao centro da cidade, tais como a Fazenda Santana e o sítio Sobrado da Praça, incluindo as técnicas do acanalado, escovado, raspado, corrugado, além do mesmo inciso acompanhado de carimbos, ponteados ou ungulado. Ainda não foi escavado nenhum terreno no centro do bairro São Francisco, onde a *Rua do Fogo* ardia com seus fornos, ou qualquer unidade doméstica com possibilidade de ter sido habitação e local de produção de uma ceramista. Faltam também estudos sobre a composição da pasta das cerâmicas dos diferentes sítios mencionados. As possibilidades de pesquisa se mostram, assim, promissoras.

Serão consideradas aqui variáveis como forma/função e decoração, com especial atenção para a coleção do mencionado sítio São Francisco, datado da primeira metade do século XIX, a partir da aplicação da fórmula South para as louças decoradas.⁸ A amostra deste sítio conta com 13.655 fragmentos de cerâmica simples, decorada e não decorada, com engobo e vidrada, sendo 43% representados pela cerâmica simples acordelada sem decoração e 14,8% de cerâmica simples acordelada decorada por combinações de incisões, ponteados, carimbos e ungulados.⁹ Este universo de 57,8% da amostra cerâmica, representado por 251 peças que estará em foco aqui.

Mais de 70% das peças identificadas neste sítio são procedentes de uma área caracterizada por ser o complexo principal, com casa principal, capela, pátio e fornos para o processamento da cana. Foram encontradas em um bolsão de lixo, possivelmente descarte da cozinha da casa principal. O restante das peças identificadas é procedente de uma área periférica, a mais de 800m de distância do complexo principal, onde foram localizadas até o momento três unidades habitacionais, que seriam hipoteticamente o local para abrigo de escravos (Bornal, 1995, 2008; Agostini, 2011).

Com formas e funções pouco variáveis, a produção das panelleiras se diversificava mais nas composições de decorações incisadas, ponteadas e carimbadas na primeira metade do século XIX. Assim, a decoração da cerâmica apresenta uma grande diversidade de motivos, na formação de inúmeras composições. Apesar desta grande variedade decorativa, pode-se observar a reprodução de certos padrões, que, se por vezes não apresentam desenhos idênticos, exibem uma mesma intenção de representação, como o padrão de ondas, ou o padrão de “folhas e sementes”.

8 Para detalhes sobre a datação do sítio a partir das louças decoradas, sua data média e período de ocupação ver Agostini, 2011: 66-70.

9 Além das referidas assadeiras de mandioca corrugadas.

PANELAS E PANELEIRAS DE SÃO SEBASTIÃO: UM NÚCLEO PRODUTOR E A DINÂMICA SOCIAL E SIMBÓLICA DE SUA PRODUÇÃO NOS SÉCULOS XIX E XX





Fig. 6 – Escarificação Macua, foto Christiano Jr., segunda metade do século XIX. Acervo: Biblioteca Nacional

Observando a origem dos escravos pertencentes às paneleiras, segundo os referidos mapas de população, pode-se notar uma tendência interessante. Entre os 13 escravos africanos registrados, quase todos eram da Nação Angola (11), sendo apenas 2 da Nação Benguela.¹⁰ Este dado nos remete à manifestação estética das cerâmicas produzidas pelas ceramistas caiçaras e o “signo Macua”. Estariam as mulheres caiçaras brancas e pardas, com suas escravas Angolas, produzindo signos masculinos Macuas?

Esta questão coloca em cheque a visão simplista de que uma decoração é igual a uma identidade necessariamente, mas a produção de determinados símbolos, ou mesmo de um padrão estético, pode ser uma expressão da interação social entre diferentes sujeitos.

Uma vez que se tratava de uma produção comercial, temos que pensar quem seria o consumidor e qual a sua demanda. A partir da matrícula dos escravos para a cidade de São Sebastião do ano de 1844, nota-se que entre os africanos/as que têm sua nação discriminada, com ofício de cozinheiro/a (um total de 24 arrolados), a maior concentração também é de Angolas (com 11), sendo 3 Benguelas, 3 Cassanges, 2 Moçambiques, 2 Congos, 1 Monjolo, 1 Quelimane, 1 Bondo. Pode-se perguntar se esta tendência de Angolas, seja como escravos/as das ceramistas, seja como cozinheiros/as, não segue uma tendência mais geral de ser Angola a nação mais presente em São Sebastião na época, com quase 20% de representação entre os escravos africanos arrolados na referida matrícula.

10 As Nações africanas foram criadas pelo tráfico, como forma de categorizar os africanos e suas aptidões. Estas designações eram informadas ainda por preconceitos dinamizados na sociedade brasileira sobre os diferentes africanos. Nomes genéricos e específicos podiam ser usados, desde referências precisas de origem a referências à macro-regiões, passando por nomes de feiras e presídios africanos. A historiografia vem se debruçando para entender os sentidos destes etnônimos para os próprios escravos na diáspora. Neste sentido, ver Oliveira, 1997; Soares, 2000; Agostini, 2002; Farias, et. al., 2005; Reginaldo, 2005, entre outros.

É notável que embora o “signo Macua” seja a primeira vista bastante específico – e não universal como o sinal da cruz, por exemplo –, pode ser encontrado também no coração da África Central, na região da Lunda (em Angola), em meados do século XX. O anacronismo das fontes referentes a Angola e a São Sebastião, a demografia do tráfico de escravos para a região em estudo (que viu crescer a importação de escravos para região sudeste da África Oriental 14.993% após 1811, período de recorrência do signo na região, ver Florentino 1995: 87) e a relação entre a incidência do “signo Macua” e a demografia escrava em outras regiões (v. Souza e Agostini, no prelo) reforçam a hipótese de uma expressão Macua – mais genericamente conhecidos como Moçambiques – nas cerâmicas. Ressalta-se que a designação Moçambique era a quarta mais recorrente dentre as nações dos africanos de São Sebastião, segundo a matrícula da década de 1840.

Vale notar que a produção das panelleiras no século XX parece ter tido um perfil diferenciado daquela do século XIX. Ao que parece a decoração é reduzida, ou mesmo desaparece (Bornal, 1995: 89; Sheuer, 1982), e as formas parecem ser mais variadas (Sheuer, 1982). As formas que passam a variar mais, parecem se aproximar de formas de peças de inspiração européia, tais como chaleiras e outras peças com alças.

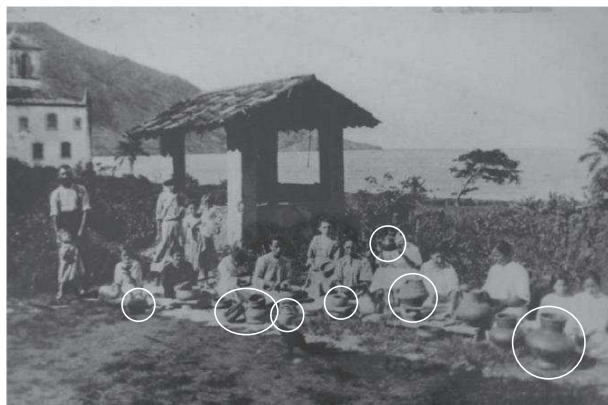


Fig. 7 – Panelleiras em São Sebastião, no início do século XX – diversidade de formas dos vasilhames. Fonte: Acervo do Departamento de Patrimônio da Prefeitura de São Sebastião.

Uma maior variação nas formas produzidas pode ser sugerida, no entanto, ainda no século XIX, a partir de 1833, quando registros de exportação das louças de barro mostram uma maior especificação das peças (tais como panelas sortidas, potes sortidos, frigideiras, talhas, pães de açúcar, cuscuzeiros, botijas e moringas), diferente dos anos anteriores quando a especificação era apenas por tamanho, sendo designadas genericamente de louças de barro grandes e pequenas.¹¹

11 Arquivo Público do Estado de São Paulo, Ofícios Diversos de São Sebastião: Ordem C.O. 1277 para os anos de 1830-1833; Ordem C.O.1278 para os anos de 1834-1837; Ordem C.O.1279 para os

A especificação das formas produzidas levou a uma particularização nos preços, custando 120 réis uma panela grande entre os anos de 1829 e 1831, variando as pequenas de 30 a 60 réis entre os mesmos anos. Já posteriormente ao ano de 1833, com a aparente especialização da produção, peças como cuscuzeiros podiam chegar a 320 réis, enquanto as panelas, aparentemente independentemente de seu tamanho, ficaram pelos 60 réis.

<i>PEÇAS EXPORTADAS</i>	<i>VALOR EM RÉIS</i>
<i>Panelas de barro sortidas</i>	60
<i>Potes</i>	100
<i>Frigideiras</i>	80
<i>Talhas</i>	240
<i>Cuzcuzeiros</i>	320
<i>Pães de barro</i>	20
<i>Botijas e Moringas</i>	100
<i>Potes</i>	100
<i>Panelas</i>	60
<i>Botijas</i>	60

Tabela 1 – Tabela de preços dos utensílios de barro em 1834. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo, Ofícios diversos, Ordem C.O.1278 para os anos de 1834-1837

É notável que a especialização da produção de louças de barro coincide com uma grande queda nas suas exportações e lucro, somando, dentro do período de 1829 a 1834, cerca de 9% as peças exportadas no ano de 1833 e 5% em 1834. O restante da produção concentrou-se em anos anteriores, pelo menos desde 1829, quando a venda era especificada apenas por tamanho. Para entender as flutuações nas exportações das louças de barro seria necessário expandir o período analisado, observando se há uma recuperação nas vendas com a especificação da produção, sugerindo que esta ocorreu como uma forma de driblar uma aparente queda de interesse pelo mercado externo; ou se há uma queda progressiva de interesse pela produção das paneleiras, sendo a mudança na mesma um reflexo de um consumidor diferente.¹²

anos de 1838-1842; Ordem C.O.1280 para os anos de 1843-1849.

12 Vale uma observação acerca das fontes. Os dados foram extraídos da documentação “Ofícios Diversos” para a cidade de São Sebastião, no Arquivo Público do Estado de São Paulo, e não se caracterizam por livros onde se pode controlar as possíveis ausências de registros ou ausência das referidas exportações, mas folhas avulsas com os mapas de exportação. Fica a dúvida sobre a representatividade desses mapas



Gráfico 1 – Quantidade e valor das peças exportadas de São Sebastião, 1829-1834

As decorações, por sua vez, curiosamente, desaparecem quando chega o século XX. Seria importante a recuperação de amostras datadas da segunda metade do século XIX, observando se esta mudança acompanha uma possível alteração na produção das formas mais diversas. Afinal, por que estas mudanças na produção? O diálogo com os usuários/consumidores destes utensílios mudou?

Como: mudança na produção e interação social

Faïk-Nzuji (1992:7) notou que enquanto os europeus desenvolveram um interesse teórico sobre os símbolos, africanos da África subsaariana tinham um interesse mais prático. Segundo o autor, o que interessa para os africanos em toda esta grande região é a funcionalidade e eficiência desses símbolos na vida social e religiosa (Faïk-Nzuji 1992: 65). O interesse aqui, portanto, é o de buscar explicações possíveis para entender porque certos motivos eram intencionalmente reproduzidos em diferentes suportes e em composições gráficas diferentes, que parecem desaparecer com o fim da escravidão. Entende-se que a intenção de reprodução de signos específicos deveria conter um sentido atribuído, um significado, fazendo dele um símbolo e não somente mera decoração.

Se não podemos chegar aos significados implícitos destes signos, pode-se, ao menos, inferir sobre sua dinâmica em redes de sociabilidade que envolviam africanos de diferentes procedências, seus descendentes crioulos e a população caiçara local. Neste ponto surge o questionamento de como os africanos estariam influenciando tanto a produção estética das panelas, uma vez que não eram maioria dentre os escravos residentes na cidade, nem tampouco os responsáveis por sua produção.

Vale ressaltar que essas cerâmicas eram vendidas para outras regiões, incluindo o Rio de Janeiro, dinamizando um comércio de miudezas, como mencionado anteriormente. Segundo as relações de gêneros exportados de São Sebastião,

frente ao total das exportações. A extensão da pesquisa no tempo pode auxiliar este mapeamento.

entre os anos de 1829 e 1834¹³, o volume de peças de barro exportado surpreende, chegando a quase 11.000 peças no ano de 1834, sendo que, anos antes, em 1830, atinge a marca de 68.000 peças exportadas. O lucro com essas exportações somou, para todo o período referido, mais de 10 contos de réis, uma soma alta frente ao valor total das louças européias importadas no mesmo período, que foi de cerca 3 contos de réis. Assim, São Sebastião mais vendia os baratos utensílios de barro do que comprava as caras louças importadas da Europa.

No caso do Rio de Janeiro, principal cidade do Império à época, tratava-se “da maior cidade africana nas Américas ao longo da primeira metade do século XIX” (Reis et. al., 2010: 71). Mary Karasch (2000: 19) chega a imaginar a impressão de viajantes europeus que ao chegarem no Rio deste período deveriam achar que pisavam na própria África. Entende-se que as paneleiras caiçaras estavam não só em diálogo com cativos vizinhos, mas também com uma demanda maior, procedente de outras cidades como a própria Corte, influenciada pelas manifestações estéticas africanas de cicatrizes, dentes limados e roupas de estilo africano (Karasch, 2000: 19). Essa demanda podia tratar diretamente de um mercado consumidor africanizado, assim como de um entendimento luso-brasileiro de que utensílios de cozinha podiam ou deveriam carregar as exóticas insígnias de uma estética que, ainda que subalterna, dominava a cidade.

Haveria, assim, não apenas um interesse africano em consumir insígnias com significados particulares para eles, mas também um senso comum de que utensílios de cozinha poderiam – ou deveriam – servir como suporte de uma estética cujo referencial era africano, que era reinterpretada na diáspora, no caso de São Sebastião, pela população caiçara. Esta hipótese se reforça com a observação da diminuição ou mesmo desaparecimento destas decorações no século XX, quando a presença africana já havia sido diluída por mais de cinquenta anos do fim do tráfico. Souza e Symanski (2009) notam esse desaparecimento da decoração paralelo ao processo de crioulização em Mato Grosso, mostrando forte influência africana nas decorações cerâmicas. As cerâmicas decoradas encontradas em São Sebastião oferecem assim um olhar sobre a interação entre diferentes sujeitos, com influências vindas do além-mar e resignificadas no Brasil.

Agradecimentos

Agradeço a Aline Mazza pelo compartilhamento de material e a Wagner Bernal por disponibilizar o acervo para esta pesquisa. Agradeço ainda as conversas e sugestões de Marcos André Torres de Souza e Mark Hauser, e a leitura prévia com sugestões de Luís Cláudio Symanski e Flávio Gomes. Agradeço a Ximena Villagran pela tradução do resumo em espanhol e a Sean Purdy pelo resumo em inglês.

13 A exceção do ano de 1832 cuja relação não foi encontrada. APESP, Ofícios Diversos, Ordem C.O.1277 para os anos de 1830-1833; Ordem C.O.1278 para os anos de 1834-1837.

Bibliografia

- AGOSTINI, Camilla. 2002. *Africanos no cativo e a construção de identidades no alé-mar. Vale do Paraíba, século XIX*. Dissertação de Mestrado, Campinas: UNICAMP.
- _____. 2011. *Mundo Atlântico e Clandestinidade. Dinâmica simbólica e material em uma fazenda litorânea no sudeste, século XIX*. Tese de doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense.
- BORNAL, Wagner Gomes. 1995. *Sítio Histórico São Francisco 01. Contribuição à Arqueologia Histórica*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLC/USP.
- _____. 2008. *Sítio Histórico São Francisco. Um estudo sob a ótica da Arqueologia da Paisagem*. Tese de Doutorado, São Paulo: USP.
- BRANCANTE, O Brasil e a cerâmica antiga. São Paulo, 1981.
- Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo. 1915. *Exploração do Litoral. 1.ª secção: cidade de Santos à fronteira do estado do Rio de Janeiro*. São Paulo: Typographia Brazil de Rothschild & Co.
- DIAS Jr., ONDEMAR F. 1988. A cerâmica neobrasileira. *ArqueolAB*. Textos avulsos 01. Rio de Janeiro: Instituto de Arqueologia Brasileira.
- FAÏK-NZUJI, Clémentine M. 1992. *Symboles graphiques en Afrique noire*. Paris: Editions Karthala.
- FERNANDES, Isabel Maria e Fernando Castro. 2011. *As produções de louça preta em Trás-os-Montes: caracterização etnográfica e química; seu interesse para o estudo das cerâmicas arqueológicas*. Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Arqueologia Moderna, Velhos e Novos Mundos, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- FLORENTINO, Manolo G. 1995. *Em Costas Negras: uma história do tráfico Atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- GALDINO, Clayton. 2010. Casas de mãos e barro: a arquitetura caiçara de São Sebastião. *Cadernos do CEOM – Etnicidades*. Ano 23, número 32.
- KARASCH, Mary. 2000 (1987). *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro*. Companhia das Letras, São Paulo, Brazil.

- LEMOS, Carlos A.C. 1976. *Cozinhas, etc.* Série Debates, Arquitetura. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- LUNA, Francisco Vidal e KLEIN, Herbert S. 2005. *Evolução da sociedade e economia escravista de São Paulo, 1750-1850.* São Paulo: Edusp.
- FARIAS, Juliana Barreto; Carlos Eugenio L. Soares; Flávio dos Santos Gomes. 2005. *No Labirinto das nações. Africanos e identidades no Rio de Janeiro, século XIX.* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- OLIVEIRA, Maria Inês C. 1997. “Quem eram os negros da Guiné?” A origem dos africanos na Bahia. *Afro-Ásia* no.19/20.
- REGINALDO, Lucillene. 2005. *Os rosários dos angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na bahia setecentista.* Tese de Doutorado, Unicamp, Campinas.
- REIS, João J.; Fávio Gomes e Marcus J.M. de Carvalho. 2010. *O Alufá Rufino. Tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico Negro (c.1822-1853).* São Paulo: Companhia das Letras.
- RODRIGUES, Jaime. 2005 (2000). *O infame comércio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850).* Campinas: Ed. Unicamp.
- SHEUER, Herta Loëll. *A tradição da cerâmica popular.* São Paulo: Ed. Livramento.
- SOARES, Mariza de Carvalho. 2000. *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- SOUZA, Marcos A. T. de. 2010. *Spaces of difference: an archaeology of slavery and slave life in a 19th century Brazilian plantation.* Tese de Doutorado, Syracuse University.
- _____. No prelo. Divisões sociais, utensílios cerâmicos e o preparo da farinha de mandioca no Brasil colonial. *Clio – Série Arqueológica.*
- SOUZA, Marcos A. T. de. e Camilla Agostini. No prelo. Body marks, pots and pipes: some correlations between African scarifications and pottery decoration in eighteenth and nineteenth-century Brazil. *Historical Archaeology.*
- SOUZA, Marcos A. T. de and Luis C. P. Symanski. 2009. Slave Communities and Pottery Variability in Western Brazil: The Plantations of Chapada dos Guimarães. *International Journal of Historical Archaeology* 13(4):513-548.

SYMANSKI, Luís Cláudio P. 2006. *Slaves and Planters in Western Brazil: Material Culture, Identity and Power*. Tese de Doutorado, Department of Anthropology, University of Florida. UMI, Ann Harbor, MI.

_____. 2008. Alcronismo e cultura material: discursos de dominação e o uso dos bens materiais na sociedade brasileira oitocentista. In: Félix A. Acuto e Andrés Zarankin (Eds.) *Sed non satiata II: acercamientos sociales en la arqueología latinoamericana*. Córdoba: Encuentro Grupo Editor.

_____. 2010. Cerâmicas, identidades escravas e criouliização nos engenhos de Chapada dos Guiamrães (MT). *História Unisinos*, 14 (3).

